



Organizadores

**JOSÉ CARLOS MARION
e IETE NANJI ALEIXO**

*dá-me
um pouco
da tua
água*



ENCRISTUS

Dá-me um pouco da tua água

Depoimentos dos participantes da Equipe de Serviço do Encristus (Encontro de Cristãos em Busca da Unidade e Santidade) e convidados, de católicos e evangélicos que têm edificado uns aos outros.

COORDENADORES

Iete Nanci Aleixo e José Carlos Marion

ORGANIZADORES / REVISORES

Christopher Walker e Douglas Pinheiro Lima

SERVIÇOS EDITORIAIS

Luiz Roberto Kamla Cascaldi



ENCRISTUS

IMPACTO

PUBLICAÇÕES

Rua Tamoio, 226
Santa Catarina
Americana - SP
13466-250
Tel.: (19) 3462-9893
contato@revistaimpacto.com.br
www.revistaimpacto.com.br

Revisão:
Renata Balarini Coelho

Capa e Diagramação:
Eduardo C. de Oliveira

DÁ-ME UM POUCO DA TUA ÁGUA

•

Copyright © 2017 Impacto Publicações

Publicado no Brasil por:

ENCRISTUS

www.enclistus.com.br

•

Primeira Edição em Português: Setembro de 2017

•

Para os textos bíblicos, foi usada a versão ARA (Revista e Atualizada de João Ferreira de Almeida).

•

PEQUENOS TRECHOS DESTE TEXTO PODEM SER CITADOS OU REPRODUZIDOS, DESDE QUE MENCIONADA A FONTE, COM ENDEREÇO POSTAL E ELETRÔNICO.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M341d Marion, José Carlos

Dá-me um pouco da tua água / José Carlos Marion,
Iete Nanci Aleixo. _ São Paulo: Impacto, 2017

288 p. ; 16cm x 23cm.

ISBN: 978-85-65419-25-3

1. 1. Comunhão 2. Ecumenismo 3. Unidade Cristã I. Título

CDU 27-675

“Unidade é o vínculo do amor que une todos os que pertencem a esse único corpo de Cristo; onde não há amor, não há unidade; mas também é verdade que onde não existe unidade, não existe amor e, portanto, não existe Igreja.”

Sto. Agostinho

SUMÁRIO

Apresentação	09
Prefácio 1 - O Evangelho da Paz	11
<i>José Carlos Marion (Pr.)</i>	
Prefácio 2 - Toda Glória a Jesus	17
<i>Francesco Biasin (Bp.)</i>	
1. As Raízes do Encristus	23
<i>Iete Nanci Aleixo(Sra.)</i>	
2. Que Todos Sejam Um	33
<i>Jorge Himitian (Pr.)</i>	
3. Possibilidades de Unidade na Igreja	45
<i>Pedro Arruda (Sr.)</i>	
4. Uma Época de Conversão	57
<i>Rui Luis Rodrigues (Sr.)</i>	
5. O Vento Sopra Onde Quer	71
<i>Reinaldo Bezerra Reis (Sr.)</i>	
6. O Credo Apostólico é Para Todos	79
<i>Luiz R. Cascaldi (Pr.), Álvaro Paulucci (Pr.)</i>	
7. A Unidade do Espírito no Vínculo da Paz	95
<i>Marcial Maçaneiro (Pe., SCJ)</i>	
8. A Trindade como Paradigma da Unidade	111
<i>Christopher Walker (Pr.)</i>	
9. A Oração e os Dons do Espírito Santo	131
<i>Douglas Pinheiro Lima (Pe.)</i>	
10. A Oração que Jesus nos Ensinou	147
<i>Mike Shea (Pr.)</i>	

11.	Louvor e Adoração na Perspectiva da Unidade	159
	<i>Izaías Carneiro (Sr.)</i>	
12.	O Perdão na Unidade do Corpo	173
	<i>Harold Walker (Pr.)</i>	
13.	O Espírito Santo, Lugar de Convergência Espiritual	183
	<i>Tácito Coutinho (Sr.)</i>	
14.	O Poder do Amor e da Reconciliação	193
	<i>Silas Esteves (Pr.)</i>	
15.	Foram Chamados Pela Primeira Vez de Cristãos	209
	<i>Antonio José A. da Costa (Pe.)</i>	
16.	Irmandade Evangélica de Maria	221
	<i>Adola Bowers (Irmã)</i>	
17.	Comunidade Bom Pastor: Uma História de Amor	231
	<i>Doris Hoyer de Carvalho (Sra.)</i>	
18.	Frutos da Unidade	243
	<i>Efigênio Pereira Santos (Pr.)</i>	
	Conclusão E Agora, o que Faremos?	253
	<i>José Carlos Marion (Pr.), Márcia Maria C. Marion (Pra.)</i>	
	Breve Currículo dos Autores	269
	Anexo 1 - Histórico dos Eventos	275
	Anexo 2 - Sugestões Bibliográficas	283

Apresentação

Somos mais de 20 autores, incluindo alguns convidados que estiveram em eventos do Encristus levando contribuições relevantes. Deste grupo, praticamente metade é de católicos, e a outra, de evangélicos. Cada um tem bebido um pouco da água do outro.

Nosso lema é “unidade na diversidade”. Não buscamos unanimidade. Somos diferentes em nossa percepção religiosa, em nossa cultura espiritual e nas estruturas doutrinárias; apesar disso, a Palavra de Deus nos ensina que já temos unidade no Espírito e que devemos nos esforçar diligentemente para preservar essa unidade no vínculo da paz (Ef 4.3).

Todavia, neste mesmo capítulo 4 de Efésios, no verso 13, está claro que buscamos chegar à unidade da fé. Não temos ainda tal maturidade espiritual que, com toda certeza, só o Espírito Santo poderá realizar em nós.

Isso significa que cada autor tem sua prática doutrinária e uma herança religiosa que, inevitavelmente, será expressa ao longo de cada capítulo. É impossível escrevermos em linguagem e pensamentos que anulem nossa “bagagem” histórica de maneira que haja uma uniformidade entre todos os autores.

Você encontrará textos com “gostos” bem diferentes. Alguns autores são acadêmicos, outros usam uma linguagem mais popular; alguns vêm

de tradições históricas; outros, de correntes independentes; uns valorizam liturgias, rituais e legado das gerações passadas; outros tendem a basear-se somente nas Escrituras e na inspiração presente do Espírito. Nem sempre há plena concordância mesmo entre católicos ou entre evangélicos sobre esses aspectos.

Nosso ponto comum (e dele não abrimos mão) é Cristo. Todas as coisas convergem para Ele. Por causa dele, nele e através dele, entendemos que há muito mais coisas que nos unem do que aquelas que poderiam separar-nos.

Assim sendo, cada autor, por mais zeloso que seja para não contradizer ou ofender os demais, poderá expressar por meio de suas ideias, explícita ou implicitamente, algo que seja contrário às convicções de outros autores ou às dos nossos leitores. Por isso, pedimos que leia com coração aberto, entendendo que cada capítulo traduz o pensamento do(s) autor(es), e não, necessariamente, o de todo o grupo. Tenha a certeza, porém, de que todos nós buscamos o mesmo objetivo final que é preservar a unidade do Espírito no vínculo da paz até que, um dia, cheguemos à maturidade completa em Cristo.

Coordenadores e organizadores

PREFÁCIO I

O Evangelho da Paz

O título deste livro, *Dá-me um pouco da tua água*, é inspirado em João 4, capítulo no qual Jesus pede água (v.7) para a mulher samaritana, e ela, por sua vez, pede água para o Senhor (v.15). Nesses dois pedidos de água, temos muitos frutos resultantes (vv.41,42).

Na comemoração de dez anos do “Encristus” (Encontro de Cristãos em Busca de Unidade e Santidade) em 2017, entendemos que, durante esse período de comunhão, oração, partilhas, estudos bíblicos, louvor, adoração, liberação de perdão, lavar os pés, eventos, temos aprendido muitas coisas uns com os outros. Temos sido edificados com riquezas teológicas e práticas que cada participante tem compartilhado. Assim, nosso objetivo é ressaltar práticas católicas que edificaram os evangélicos e vice-versa.

Nosso propósito inicial é que, depois de ressaltar as raízes do Encristus (um breve histórico), irmãos evangélicos ressaltem como foram edificados pela comunhão com os irmãos católicos e que os irmãos católicos destaquem como foram edificados pela convivência com os evangélicos.

A divisão nos trouxe muitos prejuízos. O papa Francisco afirmou que Lutero não estava errado ao propor a Reforma, mas criticou as divisões entre as igrejas propondo uma aproximação (29/06/2016). Ainda que

a Reforma fosse necessária, importante naquele momento, o Cristianismo, a partir daí, passou a dividir-se cada vez mais, produzindo um enorme abismo entre evangélicos e católicos.

Há riquezas incomensuráveis de cada lado, desconhecidas e ignoradas por causa do ódio e da rivalidade que a divisão ocasionou. A Igreja sempre precisará de reformas, mas sem divisões, sem brigas, sem derramamento de sangue. Essas práticas não são compatíveis com os ensinamentos de Cristo. O fato de cristãos odiarem cristãos (e até se matarem) é abominação ao Evangelho, é andar na contramão da cruz.

No momento em que entendermos que, pelo sangue de Cristo, fomos aproximados, que Ele é a nossa paz, que Ele derrubou a parede que nos separava; que Ele desfez na carne a nossa inimizade; que Ele nos reconciliou pela cruz (católicos, evangélicos e outros) em um só Corpo, matando as inimizades; que Ele evangelizou a paz; que por Ele temos acesso ao Pai em um mesmo Espírito; que Ele nos fez um; que Ele nos fez concidadãos dos santos e da família de Deus... Então, entenderemos que somos todos um novo homem, que podemos e devemos viver na paz (Ef 2.13-19).

A aproximação entre um grupo de católicos e evangélicos (Encristus) nos mostrou que é possível viver em paz embora tenhamos diferenças. É possível beber um pouco da água do outro e, com isso, edificar o Corpo de Cristo.

Ressalte-se que, em 2017, nos dez anos do Encristus, eventos importantes foram lembrados: a) 500 anos da Reforma; b) 50 anos da Renovação Carismática; c) 40 anos do evento de unidade mais importante (Kansas City Meeting); d) 50 anos da retomada de Jerusalém por Israel. Também, foi considerado como um ano de Jubileu por um grupo de judeus – sem dúvida, um ano profético.

Os 500 anos da Reforma têm muito significado para mim em especial.

A primeira vez em que eu fui convidado para participar de uma reunião da equipe de serviço do Encristus, um grupo pequeno, em torno de oito pessoas (metade católica e metade evangélica), em Taubaté (estado de São Paulo), foi para tratar dos preparativos para a primeira reunião formal aberta ao público que aconteceu em Mariápolis (Vargem Grande, SP) em 2009.

Ao entrar na sala de reunião onde estavam os irmãos, fui tomado por uma comoção repentina e fiquei incapaz de me manifestar. Sentia que, se eu abrisse a boca, desabaria num choro incontrolável. Não sabia por quê. Não sabia o que fazer. Passamos uma manhã juntos num ambiente de muito amor, como se eu conhecesse aqueles irmãos há muitos anos.

Não entendia o que tinha acontecido comigo. Um bom tempo depois, tive a revelação. Foi como se o Espírito Santo me dissesse: “Você já viu aqueles programas de televisão nos quais é promovido um encontro de pessoas que não se veem há muitos anos? Por exemplo, uma filha afastada da mãe desde criança consegue reencontrá-la na frente das câmaras depois de 30, 40 anos. Todos ficam comovidos. Elas se abraçam, choram muito. Então, o que aconteceu foi que você não via aqueles irmãos católicos há 500 anos. Você estava como muita saudade. Você se emocionou por reencontrar irmãos que estavam separados de você há muito tempo”.

A partir desse fato, comecei a entender a dor no coração do Pai ao ver o Corpo de seu Filho dividido. O sentimento que eu tive foi de um corpo que sangrava, um corpo partido.

Possivelmente, a primeira dor no coração de Deus foi a divisão causada por Lúcifer. O problema não foi apenas ter-se rebelado contra Deus – por mais que tenha sido maligno. O pior foi ter roubado um terço dos anjos do céu por meio do engano e da calúnia contra Deus. Considere o poder de sedução e engano desse mestre de divisão: ele conseguiu convencer um grupo de anjos (Ap 12.4) que estava contemplando a glória resplandecente de Deus de que eles conseguiriam vencer uma guerra contra o seu Criador. Lúcifer engendrou descontentamento entre eles a fim de que todos os prazeres do céu não conseguissem satisfazê-los.

A consequência maior dessa primeira divisão foi que, algum tempo depois, Lúcifer (o diabo disfarçado de serpente), por meio de sua sedução, também separou o homem de Deus, introduzindo o pecado original. Em grego, diabo (“diabolôs”) significa “aquele que desune, que inspira ódio e inveja, caluniador, espírito de mentira”.

Quando Cristo foi crucificado em nosso lugar, fomos reconciliados com Deus Pai: o véu do templo foi rasgado. Hoje, ousadamente podemos

entrar no santuário pelo sangue de Jesus (Hb 10.19). Na cruz, Ele também destruiu a inimizade que havia entre os judeus e gentios, uniu os dois em um só Corpo e nos trouxe a paz. O Filho de Deus se manifestou para desfazer as obras do diabo (1 Jo 3.8b). Em outras palavras, o homem estava reconciliado com Deus e com os seus irmãos, pois a obra “daquele que desune – diabolôs” fora aniquilada por Cristo na cruz.

Infelizmente, o homem reconciliado com Deus não conseguiu conviver em paz com seus irmãos, dando brecha para o pai das divisões fazer tantos estragos no Corpo de Cristo como se observa na Igreja dos dias atuais. Mais uma vez, eu pergunto: quanto a divisão dói no coração do Pai?

Isso me levou a tomar uma decisão radical no meu ministério pastoral: trabalhar em favor da unidade do Corpo de Cristo. Foi num período em que estávamos buscando a unidade com mais três comunidades cristãs evangélicas na minha cidade: Jundiáí, estado de São Paulo.

Minha missão, portanto, seria trabalhar na unidade entre evangélicos (com mais outros pastores) e entre evangélicos e católicos (inicialmente com os irmãos do Encristus que chamamos de *equipe de serviço*).

No início de 2017, consolidamos (num trabalho conjunto de 12 pastores) a unidade de quatro comunidades evangélicas em Jundiáí (UMC – Unidade Missionária Cristã), de modo sobrenatural, milagroso, pela graça do nosso Senhor Jesus Cristo.

Mas 2017 (ano de Jubileu em Israel) também seria marcado por este livro para mostrar que é possível haver comunhão entre evangélicos e católicos e vice-versa, sem que cada um perca sua identidade. Quando a Bíblia nos ensina que o casal é “uma só carne”, sem, com isso, a mulher ou o homem perder a identidade, podemos aplicar o mesmo princípio à outra verdade: que “somos um só corpo” na diversidade, respeitando a identidade, o dom, o ministério, a manifestação de cada um. Todos nós, cristãos, temos bebido de um mesmo Espírito (1 Co 12.13b).

Ainda que sejamos (Encristus) uma amostra muito pequena, insignificante, entendemos que o Espírito Santo pode agir em nós a fim de que a súplica de Jesus ao Pai (Jo 17.20-23) “*para que todos sejam um*” seja uma realidade. E temos experimentado isso.

A Palavra de Deus nos estimula a anunciar o Evangelho para a salvação do homem. Esse Evangelho pode ser visto sob vários aspectos ou ênfases: evangelho do reino, evangelho da graça, evangelho da paz, etc. No nosso caso, temos sido estimulados a enfatizar o “evangelho da paz”. Somos pacificadores, embaixadores da reconciliação, agentes do perdão e do amor de Cristo que nos constrange. Certamente, o evangelho da paz nos leva a “sermos um” e, neste estágio, o mundo crerá (conhecerá) que Jesus Cristo foi enviado pelo Pai.

O evangelho da paz (Ef 2.14-18) é o oposto da divisão.

Este livro reúne autores que são apaixonados pela unidade do Corpo de Cristo, isto é, apaixonados por aquele que nos une, Jesus; que compreendem o que Ele fez por nós na cruz; que acreditam que o evangelho da paz pode tornar a Igreja uma “noiva” gloriosa, atraente, que será a imagem de Cristo para as nações!

José Carlos Marion

Evangélico

PREFÁCIO II

Toda Glória a Jesus

Há aproximadamente 35 anos, tive a graça de visitar os lugares onde Jesus viveu. Minha alegria era muito grande porque sempre gostei de ler a Palavra de Deus, e visitar aqueles lugares foi como constatar que tudo aquilo que lia na Bíblia correspondia historicamente e geograficamente àquilo que Jesus fez e ensinou. Foram dias maravilhosos. Porém, não imaginava que Deus estivesse “à espreita” para me pegar de uma forma que eu não esperava.

Certa tarde, visitamos a Basílica do Santo Sepulcro, e fui imediatamente atraído por aquele lugar onde tinha sido fincada a cruz de Jesus. Coloquei-me em adoração, prostrado, aproximadamente às 15 horas. De repente, começaram a acontecer ao meu lado vários cultos, em línguas e ritos diferentes. Alguém me disse que eram várias igrejas que, todos os dias, àquela hora, cultuavam a Deus em memória da crucificação de Jesus. Explicaram-me também que, ao longo dos séculos, o chão daquela basílica havia sido dividido de tal forma que poucos metros quadrados pertenciam aos ortodoxos bizantinos, outros poucos metros aos coptas, e outros a outras denominações orientais, impedindo que os ministros de uma denominação até pisassem no “território” ocupado por outra.

Enquanto estava orando e presenciando aqueles cultos diferentes que marcavam a divisão no chão daquela basílica, experimentei dentro de

mim uma dor muito grande, pois lembrei-me do evangelho de João que afirma que Jesus morreu *“para reunir os filhos de Deus que estavam dispersos”* (Jo 11.52). Tive a impressão de que a morte de Cristo foi em vão!

Parecia-me uma blasfêmia constatar que, naquele lugar, os cristãos não conseguiam nem sequer orar juntos na hora em que Cristo se entregou ao Pai por nós, pagando um caro preço pela nossa salvação. Comecei a chorar convulsivamente e, de repente, brotou dentro de mim essa oração: “Senhor, faz de mim instrumento de reconciliação entre as Tuas igrejas”. Prometi, então, naquele dia e lugar, entregar minha vida para que Deus me usasse como um simples instrumento a fim de que a unidade pudesse acontecer.

É interessante como Deus prepara as pessoas. Eu nunca me expus na Igreja do Brasil: não é do meu feitio me exhibir. Contudo, alguns anos atrás, na Assembleia dos Bispos Católicos, fui eleito bispo referencial para o ecumenismo e o diálogo interreligioso. Senti então dentro de mim que Deus tinha me preparado para ser, antes de representante de uma Instituição, de uma igreja, uma pessoa tocada pelo Espírito Santo para trabalhar, orar e dar a vida pela unidade.

Em nome de Cristo, pois, rogamos que vos reconcilieis com Deus. Aquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós; para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus. (2 Co 5.20b,21)

Qual é o caminho da reconciliação e da unidade dos cristãos? Não são apenas e em primeiro lugar as discussões teológicas ou as declarações conjuntas entre igrejas. Nem tão pouco são as visitas oficiais entre os representantes das instituições religiosas e eclesiásticas! Isso tudo só adquire sentido e valor se, antes, todos os cristãos e todos os batizados têm o olhar fixo em nosso Senhor Jesus Cristo crucificado, feito pecado por Deus em nosso favor (cf. 2 Co 5.21). Paulo chega a dizer que “Cristo se fez maldição por nós” (Gl 3.13) a fim de nos trazer a bênção que pela fé temos em Abraão. Portanto, Jesus pagou um preço altíssimo para que nós pudéssemos nos reconciliar.

Lembro-me de três momentos ou etapas deste preço altíssimo:

Primeiro, Jesus experimentou as trevas. Ele declarou: *“Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andarás nas trevas; pelo contrário, terá a luz*

da vida” (Jo 8.12). No entanto, todos os evangelhos dizem que, do meio-dia até as 15 horas, a escuridão reinou sobre toda a terra, e o sol se escureceu. Aquelas trevas expressavam, por meio da natureza, as trevas que Jesus experimentou dentro dele. Ele, que era a luz, tornou-se cego, não enxergou mais, ficou sem luz porque a deu para nós: Ele se ofereceu por nós!

Segundo, Jesus vivenciou o abandono. Ele afirmou: *“Eu e o Pai somos um”* (Jo 10.30) e *“...eu não estou só, mas o Pai que me enviou está comigo!”* (Jo 8.16). Porém, naquele momento de trevas, ele experimentou o abandono do Pai: *“Deus meu, Deus meu, por que me abandonastes?”* (Mc 15.34b). Foi uma pergunta, mas antes foi um grito. Jesus ficou órfão, desamparado, abandonado por Deus. Ele experimentou isso em sua alma, em seu coração. Após aquela pergunta, dizem os evangelhos de Mateus e de Marcos que o Senhor deu um grande grito e entregou seu espírito. Seu grito foi um som desarticulado que falou mais alto do que toda palavra! Vejo, nesse grito de Jesus sem palavras, o grito da humanidade toda que também está em trevas e abandono. A nossa cultura é a cultura do vazio, da falta de sentido. Essa “noite cultural” está dentro daquela noite de Jesus, do abandono de Jesus. Ele, que era a Palavra, emudeceu porque se ofereceu, como palavra, a nós.

Terceiro, o esvaziamento. Jesus se tornou nada na cruz. Paulo escreveu à igreja de Filipos, que era uma comunidade cristã dividida, dizendo:

Alguns, efetivamente, proclamam a Cristo por inveja e porfia; outros, porém, o fazem de boa vontade; estes, por amor, sabendo que estou incumbido da defesa do evangelho; aqueles, contudo, pregam a Cristo, por discórdia, insinceramente, julgando suscitar tribulação às minhas cadeias. (Fp 1.15-17)

No capítulo seguinte, ele faz uma exortação e nos motiva, com essa mesma exortação, a seguir o exemplo de Jesus:

Se há, pois, alguma exortação em Cristo, alguma consolação de amor, alguma comunhão do Espírito, se há entranhados afetos e misericórdias, completai a minha alegria, de modo que penseis a mesma

coisa, tendes o mesmo amor, sejais unidos de alma, tendo o mesmo sentimento. Nada façais por partidarismo ou vanglória, mas por humildade, considerando cada um os outros superiores a si mesmo. Não tenha cada um em vista o que é propriamente seu, senão também cada qual o que é dos outros. (Fp 2.1-4)

Por que os cristãos devem fazer isso? Ele responde: “*Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus*” (Fp 2.5).

E depois, então, demonstra como Jesus expressou esse sentimento:

...pois ele, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes, a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana, a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz. (Fp 2.6-8)

Ele se esvaziou completamente. Não havia um degrau mais baixo do que aquele em que Jesus ficou quando estava pregado na cruz. Por que Ele desceu até esse último degrau? A única resposta que até agora encontrei é a seguinte: para que, em toda a história da humanidade, ninguém que experimentasse pobreza, miséria, abandono, humilhação, injustiça ou pecado pudesse dizer: “Deus não me compreende porque não passou por isso!”. Se Jesus não tivesse descido tanto, alguém poderia considerar-se fora desse Evangelho; mas, como Ele se abaixou até onde ninguém poderia chegar, todos podem dizer: “Deus me entende! Ele pode me salvar!”.

É por isso, então, que nós somos chamados a criar a unidade, a realizar a reconciliação, a ter os mesmos sentimentos de Cristo Jesus. Infelizmente, em nossas igrejas, temos interpretado as palavras das Escrituras apenas como respostas às nossas situações pessoais. Devemos, então, ampliar, colocar no plural aquilo que se diz acerca da conversão pessoal.

Imaginemos o que significa para nossa Igreja Católica “viver no mesmo sentimento, no mesmo amor, numa só alma, num só pensamento” com as outras igrejas. Imaginemos o que significa para a nossa igreja “não façam nada por competição ou vanglória, mas por humildade, julgando

as outras igrejas superiores a nós mesmos”. Imaginemos se as nossas igrejas se colocassem nessa atitude de obediência ao Espírito! Afinal de contas, o Espírito diz para todas as igrejas feitas de cristãos batizados como nós: “não cuidando cada igreja apenas do que é seu, mas também o que é das outras”.

A partir desse esvaziamento de Jesus, enxergamos como cada um de nós é chamado para esvaziar-se, colocar-se em último lugar, considerar e sentir o irmão da outra igreja como nosso irmão, tirando tudo aquilo que possa embaçar o relacionamento que deve ser transparente entre nós.

Mas Jesus não terminou Sua experiência na cruz e no sepulcro. Ele escolheu para si essa trajetória de descida até o fim, tornou-se obediente até a morte, e morte de cruz — um esvaziamento total. Porém, Pedro, no dia de Pentecostes, disse acerca de Jesus: “*(Deus) ... não deixará a minha alma na morte, nem permitirás que o teu Santo veja corrupção*” (At 2.27). E Paulo afirmou:

Pelo que também Deus o exaltou sobremaneira e lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai. (Fp 2.9-11)

Jesus Cristo é o Senhor queiramos ou não! O Pai o fez Senhor! Esse senhorio de Jesus que lhe foi dado pelo Pai terá um esplendor maior quando todas as igrejas, todos os batizados proclamarem que Ele é o Senhor, abraçando-se, perdoando-se, considerando o outro superior a si mesmo, de tal forma que ELE resplandeça em nossa humilhação.

Assim, concluimos com a certeza de que **Jesus Cristo é o Senhor, pela glória do Pai, porque nós lhe damos essa glória pelo nosso perdão recíproco, pela nossa reconciliação até chegarmos à plena unidade! Amém!**

Francesco Biasin
Católico